



10 DE DEZEMBRO 2008
Quarta-feira

- VOLKSWAGEN DÁ FÉRIAS COLETIVAS A FUNCIONÁRIOS DE TRÊS FÁBRICAS
- METALÚRGICOS AMEAÇAM NÃO HOMOLOGAR DEMISSÕES
- CRISE SEGURA EXPANSÃO DAS VENDAS DE AÇO
- IBGE: EMPREGO INDUSTRIAL CAI 0,2% EM OUTUBRO
- CONSTRUÇÃO É DESTAQUE NA ALTA DO PIB DA INDÚSTRIA
- DESACELERAÇÃO ECONÔMICA SERÁ MAIS CURTA E MENOR NO BRASIL, DIZ MEIRELLES
- CRESCIMENTO ACUMULADO DO PIB ATÉ SETEMBRO É O MAIOR DESDE 1996
- IMPOSTOS AFETAM A COMPETITIVIDADE
- FÉRIAS COLETIVAS... DISPENSA DE TRABALHADORES

Câmbio		
Em 09/12/2008		
	Compra	Venda
Dólar	2,482	2,482
Euro	3,207	3,208

VOLKSWAGEN DÁ FÉRIAS COLETIVAS A FUNCIONÁRIOS DE TRÊS FÁBRICAS

10/12/2008 – Gazeta do Povo

A Volkswagen deu início ao programa de férias coletivas para seus funcionários das fábricas de São Bernardo do Campo (SP), São José dos Pinhais (PR) e para unidade de fabricação de motores em São Carlos (SP). A empresa informou que as férias coletivas fazem parte de um plano de adequação ao processo produtivo da montadora.

Em São Carlos, 480 funcionários ganharam férias nesta segunda-feira (8). Na próxima segunda-feira (15), os outros 300 funcionários também vão parar. Eles voltam ao trabalho no dia 5 de janeiro de 2009.

Em São Bernardo do Campo, as férias serão escalonadas de acordo com as linhas de montagem. Na segunda-feira saíram de férias os 3 mil trabalhadores da linha que produz o novo Gol. A partir do dia 10, a paralisação será para os trabalhadores das linhas do Gol Geração 4, Parati, Saveiro e a produção de motores e câmbio. A linha da Kombi é a última a sair, no dia 19.

A Volkswagen não informa o total de trabalhadores envolvidos nas férias coletivas. Em nota, a empresa diz: "A Volkswagen do Brasil decidiu dar férias coletivas ao final desse ano para os empregados de suas linhas de produção. Como parte dos 30 dias regulares de férias durante o ano, os empregados contarão com períodos específicos de férias coletivas."

A montadora conta ainda com as fábricas de carros de Taubaté (SP) e de ônibus e caminhões em Resende (RJ).

METALÚRGICOS AMEAÇAM NÃO HOMOLOGAR DEMISSÕES

09/12/2008 – Fábio Campana



O Sindicato dos Metalúrgicos ameaça não homologar as cerca de 1000 demissões feitas nas últimas semanas na região de Curitiba. Outros 3.900 funcionários devem ser demitidos em janeiro. O sindicato reclama que as montadoras estão sendo auxiliadas pelo governo e, ainda assim, continuam demitindo.

"As montadoras bateram recorde de vendas e, no primeiro momento de crise, já começaram a demitir sem antes conversar com o Sindicato com o Governo", disse em entrevista à Band News FM, o diretor e vice presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de Curitiba, Nelson Silva de Souza.

O diretor disse ainda que as demissões estão virando terrorismo. "Estão mandando trabalhador embora enquanto muitos estão em férias coletivas. Que garantias todos têm de que terão o emprego no fim das férias?", disse Souza.

As empresas atribuem as dispensas à crise internacional e à dificuldade de crédito. O sindicato, que representa 71 mil trabalhadores da grande Curitiba, vai buscar uma intermediação por parte do Ministério Público do Trabalho. De acordo com o Dieese,

para cada demissão em uma montadora ocorrem 47 em outras empresas da cadeia produtiva.

CRISE SEGURA EXPANSÃO DAS VENDAS DE AÇO

10/12/2008 – Valor Econômico – Ivo Ribeiro

A siderurgia brasileira, apesar do tranco na demanda interna a partir de meados de outubro, vai fechar o ano no azul. Mas o cenário para 2009 ainda está nebuloso para as fabricantes de aço do país. O setor aguarda que os principais consumidores locais de seus produtos - construção civil (30%), indústria automotiva (26%) e bens de capital (20%) - indiquem em que patamar vão operar para poderem definir seu ritmo de atividade. "Lá fora os negócios estão parados, travando as exportações, e aqui vemos um quadro de demanda retraída", afirma Marco Pólo de Melo Lopes, vice-presidente executivo do Instituto Brasileiro de Siderurgia (IBS). "2009 ainda é uma interrogação", diz.

A entidade acaba de fazer a nova revisão do desempenho do setor neste ano. O consumo aparente de aço deve fechar com crescimento de 10,6% sobre o volume do ano passado, em 24,38 milhões de toneladas, abaixo das 25,1 milhões de toneladas projetadas cinco meses atrás. "Ainda é um resultado muito bom", comenta Lopes, que aponta um processo de desaceleração acentuado em novembro e dezembro. Antes, a previsão era crescer 14%.

Os aços planos, aplicados principalmente na fabricação de automóveis e bens de linha branca, projetam queda de produção nas usinas de 8,4% até dezembro. Ao contrário, os produtos longos (como vergalhões, perfis e barras), usados na construção civil e na indústria, indicam alta de 2,5%. As exportações sinalizam retração de 12,1% em volume, para 9,05 milhões de toneladas, devido a redirecionamento de material para mercado interno (até setembro) e travamento das compras nos mercados externos. Em receita, devido aos bons preços na maior parte do ano, está previsto aumento de 19% sobre o ano passado, chegando a US\$ 7,9 bilhões.

Esse cenário levou os grupos Gerdau, Usiminas, ArcelorMittal e Vallourec a antecipar paradas de altos-fornos para reformas e de suas linhas de acabamento e até a conceder férias coletivas. A CSN anunciou férias coletivas integrais na GalvaSud (aço plano galvanizado para automóveis) por 20 dias e nas unidades de laminação e acabamento da usina de aço de Volta Redonda.

O aquecimento forte da demanda de aço no país até o fim do terceiro trimestre, obrigando usinas locais, como Usiminas, a importar para atender clientes, deve sustentar aumento de suas vendas internas de 7,3%, para 22 milhões de toneladas, conforme as projeções do IBS. Desse volume, 21,3 milhões são produtos (planos e longos) laminados. O impacto na demanda puxou para baixo o desempenho, para 6,9%. Em julho, a previsão era de 11,7%.

As paradas e abafamento de altos-fornos e ajustes e paralisação de fornos elétricos da usinas à base de sucata vão fazer a produção do país alcançar uma alta de apenas 1,1%, segundo os dados compilados pelo IBS. A nova projeção é de 34,2 milhões de toneladas, irrisórias 400 mil a mais que o volume obtido no ano passado. A expectativa no início do ano era de 37,5 milhões de toneladas, rebaixada para 36,3 milhões em julho.

"De qualquer forma, fechamos 2008 de maneira bem positiva", afirma Lopes. Agora, observa o executivo, o setor vive grande expectativa sobre o rumo que seus principais clientes tomarão.

A siderurgia tem outras preocupações e uma delas é a preservação de seu mercado. Seis dirigentes do setor estiveram com o ministro Miguel Jorge, do MDIC, na semana passada. No cenário de recessão mundial, apontaram a ele o protecionismo nos maiores mercados (EUA e Europa), levando a China a buscar a América Latina e outras regiões para desovar seus excedentes. "Há um claro estímulo do governo chinês para elevar a exportação, com eliminação de taxas". Enquanto isso, afirma Lopes, o Brasil teima em manter dez produtos com taxas de importação zeradas.

IBGE: EMPREGO INDUSTRIAL CAI 0,2% EM OUTUBRO

10/12/2008 – Gazeta Mercantil

O emprego industrial caiu 0,2% em outubro ante setembro, na série com ajuste sazonal, divulgou hoje o IBGE. Na comparação com igual mês do ano passado, houve alta de 1,6% na ocupação do setor.

Os dados de outubro interrompem a trajetória de expansão do índice de média móvel trimestral do emprego, que vinha aumentando há quatro meses e ficou estável no trimestre encerrado em outubro ante o terminado em setembro.

Segundo observaram os técnicos do IBGE no documento de divulgação da pesquisa, embora a alta no emprego tenha sido o 28º resultado positivo consecutivo ante igual mês de ano anterior, o resultado de outubro (1,6%) foi o menor apurado desde março do ano passado (1,5%). No indicador acumulado no ano o pessoal ocupado cresceu 2,6% e em 12 meses, aumentou 2,7%.

Massa salarial

Em outubro, o valor da folha de pagamento real dos trabalhadores da indústria (equivalente a massa salarial do setor) caiu 0,2% ante setembro, na série com ajuste sazonal, segundo o IBGE. A queda ocorre após um aumento de 2,7%, em setembro, ante o mês anterior.

Segundo os técnicos do IBGE, "a variação negativa de outubro não chegou a interromper a trajetória de crescimento (da folha), como mostra o índice de média móvel de outubro (0,7%), medido entre os trimestres encerrados em setembro e outubro, que cresce há quatro trimestres consecutivos". Nos confrontos com iguais períodos do ano anterior, os resultados permaneceram positivos: 5,1% frente a outubro de 2007 e 6,6% no acumulado no ano. O indicador acumulado nos últimos 12 meses, a folha aumentou 6,6%.

CONSTRUÇÃO É DESTAQUE NA ALTA DO PIB DA INDÚSTRIA

10/12/2008 – O Estado do Paraná

A taxa de 7,1% do crescimento do Produto Interno Bruto (PIB) da indústria no terceiro trimestre deste ano, ante igual período no ano passado, foi a maior taxa de expansão desde o segundo trimestre de 2004, quando o PIB da indústria subiu 12,1%, disse a economista da Coordenação de Contas Nacionais do IBGE, Amanda Tavares. O resultado foi praticamente equivalente ao crescimento apurado para o

setor no segundo trimestre de 2007, quando o PIB da indústria subiu 7% ante igual período no ano anterior.

Durante a apresentação dos dados do PIB do terceiro trimestre, a gerente de Contas Trimestrais do IBGE, Rebeca Palis, informou que, no terceiro trimestre deste ano, na comparação com igual trimestre do ano passado, houve expressivas taxas de crescimento do PIB dos segmentos componentes da indústria, como construção (11,7%); extrativa mineral (7,8%); indústria da transformação (5,9%); e serviços industriais de utilidade pública (5,7%).

"Mas o destaque, entre esses setores, foi o setor da construção", afirmou Rebeca, lembrando que a construção foi fortemente beneficiada por um "aumento de crédito direcionado para o setor".

Rebeca explicou ainda que a taxa de elevação do PIB de serviços de utilidade pública foi beneficiada por bons desempenhos na produção de gás. Ainda segundo a economista, no caso de extrativa mineral, as produções de petróleo, gás e minério de ferro foram determinantes para o bom resultado do PIB do setor. No terceiro trimestre deste ano, houve aumentos de 10,6% na extração de minério de ferro; e de 6,2% na de petróleo e gás, na comparação com o terceiro trimestre do ano passado.

Segundo o IBGE, entre os destaques de crescimento do PIB da indústria da transformação estão máquinas e equipamentos; indústria farmacêutica; metalurgia; material elétrico; produtos de metal; celulose e produtos de papel; e artigos de borracha e plástico.

DESACELERAÇÃO ECONÔMICA SERÁ MAIS CURTA E MENOR NO BRASIL, DIZ MEIRELLES

10/12/2008 – Gazeta do Povo

O presidente do Banco Central, Henrique Meirelles, fez uma avaliação positiva dos números do Produto Interno Bruto (PIB). Ele avalia que os dados apresentados hoje são como um sinal de que a desaceleração da atividade do Brasil não deve ser tão forte como em outros países e que os fundamentos econômicos criam condições para que o Brasil continue crescendo.

"Os números divulgados pelo IBGE para o PIB do terceiro trimestre comprovam a solidez e a força da economia brasileira no momento de agravamento da crise econômica internacional. Esta força nos dá motivos objetivos para acreditar que a desaceleração econômica no Brasil será mais curta e de menor intensidade que em outros países", disse Meirelles por meio da assessoria de imprensa do BC. O PIB cresceu 6,8% no terceiro trimestre em relação ao mesmo período do ano passado. Na comparação com o segundo trimestre de 2008, a alta foi de 1,8%.

No dia em que o Comitê de Política Monetária (Copom) inicia a última reunião do ano para decidir sobre a taxa Selic e em meio à pressão política para que o BC inicie o corte dos juros, Meirelles reafirmou a expectativa de que o País deve, a despeito da crise, continuar em expansão. "A manutenção dos sólidos fundamentos da economia brasileira vai dar confiança às empresas e famílias para manter seus planos de médio prazo, permitindo que o País continue crescendo", afirmou.

Na avaliação do presidente do BC, o Brasil tem enfrentado a crise "com serenidade" porque há "consistência da política econômica que alia responsabilidade fiscal com câmbio flutuante e metas de inflação".

Sobre os números divulgados pela manhã, Meirelles destacou a Formação Bruta de Capital Fixo (FBCF), que liderou a expansão da demanda. "Sinalizando que a economia brasileira continua ampliando sua capacidade produtiva", afirma Meirelles. Ele também se lembrou do consumo das famílias, "que pode ser visto como indicador de bem-estar da população e também mostrou expansão importante".

CRESCIMENTO ACUMULADO DO PIB ATÉ SETEMBRO É O MAIOR DESDE 1996

09/12/2008 – Gazeta do Povo

O crescimento de 6,3% acumulado em 12 meses até setembro de 2008 de Produto Interno Bruto (PIB) - a soma de bens e serviços produzidos no país - foi recorde da série histórica, iniciada em 1996. A taxa acumulada de janeiro a setembro (6,4%) e o crescimento de 11,7% da construção civil também foram os maiores desde 1996.

O destaque principal nesse trimestre foi a construção civil que teve um crescimento de valor adicionado de 11,7% e muito influenciado pelo aumento pelo crédito direcionado habitação e também pelas obras públicas, devido ao ano de eleição e ao PAC, disse a técnica responsável pela pesquisa no Instituto Brasileiro de Geografia e estatística (IBGE), Rebeca Talis.

Segundo ela, o desempenho da construção civil, o crescimento importação de bens de capital e a própria produção interna de máquinas e equipamentos rebatem diretamente no investimento, que também teve a maior taxa de toda a série histórica, com crescimento de 19,7%.

Rebeca explicou que os dados não refletem o período de crise econômica, pois foram coletados entre julho e setembro e a maior volatilidade dos mercados ocorreu a partir de setembro.

IMPOSTOS AFETAM A COMPETITIVIDADE

10/12/2008 – Gazeta Mercantil - Andrezza Queiroga

São Paulo, 10 de Dezembro de 2008 - A alta carga tributária brasileira é um dos principais motivos que afetam a competitividade das empresas nacionais no exterior. Isso é o que revela uma pesquisa da Confederação Nacional das Indústrias (CNI) realizada entre 2001 e 2007, período em que ainda vigorava a Contribuição Provisória sobre Movimentação Financeira (CPMF) e o dólar era cotado a menos de R\$ 2. Nesse cenário, os entrevistados consideraram como o principal obstáculo para o crescimento das exportações a taxa de câmbio, seguido dos custos portuários e aeroportuários. Os custos tributários e a dificuldade de ressarcimento de créditos ocuparam a quinta colocação como maior entrave às exportações.

A pesquisa indica, ainda, que apesar de a legislação tributária brasileira procurar desonerar as exportações, 73% das empresas consultadas alegam que os tributos afetam negativamente a competitividade externa dos produtos brasileiros. Segundo o estudo, as ferramentas de desoneração do País "não são eficientes em seu propósito por terem mecanismos de desoneração complexos e demorados, que criam custos adicionais às empresas".

Entre os tributos que mais afetam a competitividade estavam a extinta Contribuição Provisória sobre Movimentação Financeira (CPMF), o Imposto sobre Circulação de

Mercadorias e Serviços (ICMS) e o Programa de Integração Social (PIS) e a Contribuição para o Financiamento da Seguridade Social (Cofins). Outros impostos foram apontados na pesquisa como o sobre produtos industrializados (IPI) e a Contribuição Social sobre o Lucro Líquido (CSLL).

(Gazeta Mercantil/Caderno A - Pág. 11)(Andreza Queiroga)

FÉRIAS COLETIVAS... DISPENSA DE TRABALHADORES

08/12/2008 – O Estado do Paraná – Carlos Roberto Claro

Esses operários, compelidos a venderem-se a retalho, são uma mercadoria como qualquer outro artigo do comércio e, portanto, estão igualmente sujeitos a todas as vicissitudes da concorrência, a todas as flutuações do mercado(1)

Conforme escreveu Henry M. Paulson Jr.(2) estamos enfrentando uma crise financeira mais severa e imprevisível do que qualquer outra de nosso tempo.

Assistimos às falências, ou o equivalente a falências, de Bear Stearns, IndyMac, Lehman Brothers, Washington Mutual, Wachovia, Fannie Mae, Freddie Mac e do American International Group. Cada uma delas teria por si só conseqüências tremendas(3).

Cabem, nesse passo, algumas singelas considerações a respeito do tema, evidentemente sem qualquer pretensão de completude. Com efeito, a crise financeira sistêmica [iniciada em setembro/2008] não é, por óbvio, somente norte-americana.

A crise - muito embora por aqui se tenha dito que o país não sofreria a sobra de vento [cabendo definitivamente esquecer desastrosa afirmação] -, chegou e vem deixando suas marcas na economia [sendo certo que a ondulação da água foi maior do que se pensava], cabendo, pois, olhar para um horizonte bem mais aberto.

Primeiramente, enquanto se verifica que nos Estados Unidos os mutuários simplesmente perdem suas casas em decorrência de dívidas hipotecárias(4), e paralelamente sabe-se que houve a edição de um pacote econômico de US\$ 700 bilhões destinado a [procurar] estabilizar o sistema financeiro, por aqui muitas companhias [especialmente aquelas pertencentes aos setores automotivo e eletroeletrônico] já começaram a agir, e o primeiro a pagar a conta [como sempre] é o trabalhador de chão de fábrica.

Com efeito, advindo a crise, a primeira decisão é reduzir, quanto possível, a produção e dar férias coletivas aos trabalhadores, considerando especialmente, além do que vem ocorrendo nos Estados Unidos, o período de festas natalinas.

E o efeito multiplicador é conseqüência inevitável, pois aqueles fornecedores que também dependem das grandes empresas são obrigados a seguir o mesmo caminho, até e principalmente diante da queda de produção e da ausência de interessados na aquisição de bens. Há mais produção do que consumo. O exemplo do mercado de automóveis é deveras típico.

As montadoras querem produzir [especialmente as norte-americanas adoram ou adoravam - produzir os utilitários esportivos de luxo, os SUVs], os consumidores querem adquirir [considerando as taxas de financiamento e o prazo a perder de vista para honrar a obrigação], mas nem sempre logram êxito em cumprir tal expectativa

[e a busca e apreensão se torna inevitável], e as vias públicas simplesmente ficam cada vez mais intransitáveis, considerando o exagerado volume de automóveis. É o paradoxo.

De um lado, as concessionárias com amplo estoque de veículos e, de outros, os consumidores, ávidos pela aquisição de bens, restando as avenidas e ruas sem espaço para todos esses automóveis e motocicletas.

Conforme matéria jornalística publicada no matutino já indicado, só na região de Curitiba mais de 100 [cem] empresas do ramo de metalurgia pensam em suspender a produção entre os meses de dezembro e janeiro, o que implicará em férias coletivas; na de Campinas uma única empresa anunciou a dispensa de mil trabalhadores, o que [ainda] não se concretizou, mas não menos certo que pelo menos 660 empregados foram dispensados a partir de outubro.

Ainda conforme a matéria, 480 trabalhadores perderam seus postos de trabalho por intermédio de [simples] carta [e isso ocorreu, também segundo o jornal, em Rio Claro]. Então, a onda da crise é bem maior do que se pensava inicialmente e o país também se encontra no olho do furacão.

Ao primeiro sinal de crise a primeira medida da companhia é, quase que invariavelmente, conceder férias coletivas [não raramente forçadas] aos trabalhadores, ainda mais se se avizinha o mês de dezembro e o período de festas, como sói ocorrer; a segunda medida é a dispensa de trabalhadores, e os dados aqui apresentados bem demonstram a realidade. Portanto, os dados são públicos, o primeiro a pagar a fatura da crise é, invariavelmente, o trabalhador.

Isso bem espelha uma realidade: em tempos de acentuada crise, os valores, os direitos sociais e princípios de cunho eminentemente constitucional [em especial do da dignidade da pessoa humana] são praticamente esquecidos; inexistem também em tempos de crise [ou mesmo em tempos regulares], a denominada economia solidária(5); em tempos de crise, tal como a que agora se apresenta, e as proporções ainda não foram plenamente estabelecidas, o trabalhador deveria ser visto como de outra forma: um cidadão que detém valor e uma pletora de direitos fundamentais(6); cabe, pois, repersonalizar o sujeito de direito, reconhecendo o trabalhador como ser humano e, nessa dimensão, vendo-o como elemento principal e nuclear da nova ordem constitucional, a qual lhe assegura dignidade, bem-estar e justiça social (arts. 1.º, III, 170 e 193 da CF), conforme palavras de Dallegrave Neto(7).

Em tempos de crise, especialmente em relação aos que gozam de férias coletivas [não raras vezes forçadas], sabe-se muito bem que nem sempre têm condições mínimas de bem-estar(8), pois a era é pós-moderna e não mais existe Estado provedor; o mundo evoluiu e é dinâmico, especialmente o mundo econômico.

Impera a idéia de livre mercado, com base no receituário neoliberal, desde [quem sabe] o Consenso de Washington [novembro de 1989], sendo não menos certo que há uma tensão indisfarçável entre o neoliberalismo e os direitos sociais; há necessidade, mesmo em tempos de crise, de se observar a idéia de direito ao trabalho e, nessa linha, perceber que a ordem econômica também tem como arrimo a valorização do trabalho humano, a fim de que o trabalhador tenha uma existência digna, o direito a um mínimo existência, por assim dizer.

O direito ao trabalho entra em reta de colisão com a dispensa de trabalhadores por parte das grandes companhias; a desregulamentação, a flexibilização e a própria

deslegalização do direito do trabalho simplesmente destoam do modelo constitucional adotado no país e vão contra o direito de inserção destes mesmos trabalhadores, deixando de lado a valorização do trabalho humano.

Nota-se, diante dos casos concretos diariamente noticiados, que o homem, o trabalhador, não aparece, nem objetivamente, nem em seu comportamento em relação ao processo de trabalho, como o verdadeiro portador desse processo; em vez disso, ele é incorporado como parte mecanizada num sistema mecânico que já encontra pronto e funcionando de modo totalmente independente dele, e a cujas leis ele deve se submeter, conforme palavras de Georg Lukács(9).

E o mesmo pensador vai bem mais além, quando se ocupa da reificação, adverte que se perseguirmos o caminho percorrido pelo desenvolvimento do processo de trabalho desde o artesanato, passando pela cooperação e pela manufatura, até a indústria mecânica, descobriremos uma racionalização continuamente crescente, uma eliminação cada vez maior das propriedades qualitativas, humanas e individuais do trabalhador.

Por outro lado, o processo de trabalho é fragmentado, nua proporção continuamente crescente, em operações parciais abstratamente racionais, o que interrompe a relação do trabalhador com o produto acabado e reduz seu trabalho a uma função especial que se repete mecanicamente(10). E é justamente em decorrência desta mecanização que o trabalhador vê a reificação do próprio trabalho.

Finaliza-se este pequeno texto com um importante escrito de Dallegrave Neto, que bem se amolda ao que foi escrito, especialmente quando se fala em crise [em sentido amplo]: a pátria é amada, mas será mais amada no dia em que formos capazes de restaurar valores éticos, de dignidade e de justiça.

Não a 'minha justiça', ou a 'sua justiça', mas a maior de todas: a JUSTIÇA SOCIAL(11). Vale a pena pensar a respeito, mas especialmente em tempos de crise, cuja ondulação é maior do que se pensava.